

# MEDEIA



COELHO DE MORAES

teatro

# MEDEIA

Coelho de Moraes

sob ins(piração) dos deus do olimpo, as musas do parnaso, eurípedes,  
moisés netto, debora colker, pesquisadores do teatro grego, junito brandão

---

Direitos para  
Cecília Bacci & Guilherme Giordano  
[ceciliabaccibscm@yahoo.com.br](mailto:ceciliabaccibscm@yahoo.com.br)  
[menuraiz@hotmail.com](mailto:menuraiz@hotmail.com)

Coleção BROCHURA / PDF / ESPIRAL

Capa  
COELHO DE MORAES  
recriação sobre foto retirada do  
<http://www.longbeachopera.org/2011-season/medea>  
[coelhomoraes@terra.com.br](mailto:coelhomoraes@terra.com.br)

Cidade de Mococa  
São Paulo  
2011

**PARTE UM**

(Um grande pano elástico ao fundo / em silhueta marcados no pano um casal faz sexo / o pano toma a forma do casal e é iluminado de maneira a ressaltar os relevos sem mostrar muita coisa / Medeia se desvencilha dos abraços do homem e entra em cena, rapidamente, correndo como louca)

MEDEIA - Terra, Lua e Sol ouçam... ouçam minhas palavras. (*olha atentamente e mantém certa curiosidade*) Não falam, não respondem. Já não tenho poderes? Ultrapassei os limites na minha obsessão pelo amado? Em vez de enfeitiçar as pessoas eu é que acabei enfeitiçada? (*Após, aparece Jasão, vestido com uma túnica simples / alheio prepara uma bebida*)

JASÃO - O que você sabe de Creonte... o Rei...?

M - (*Admirada*) Creonte... o Rei... o teu amigo? Por que você quer a minha opinião a respeito dele? Não sei, não sei de nada, o que você quer saber?

J - (*Sério*) Nada. (*Confidencial*) Então quer dizer que você não tem opinião sobre ele?

M - Não

J - (*Solene*) Pois acontece que ele pode morrer a qualquer momento.

M - Como nós todos... Morto o rei, viva o rei.

J - Ele está velho.

M - Estamos envelhecendo, todos...

J - (*bebe e saboreia*) Boa essa bebida...

M - É liquor de mandrágora.

J - (*estalando a língua*) Ao nosso tempo... o nosso tempo está marcado pelo prestígio da nossa cidade. Os olhares de todo o país voltavam-se para cá. É uma locomotiva que carrega o resto de vagões nas costas. Recebe olhares de amor e de ódio, os olhares e as pessoas, todos querem voltar-se para esta supercapital.

M - É mesmo uma grande metrópole. A cidade cresce... a cidade cresceu, e tem de conviver com perigos internos e externos. A cidade percebe que o seu crescimento pode colocá-la em risco. Egeu sabe disso.

J - Egeu sabe... (*pensa*) O que me espanta ainda, no entanto, é o diferente... e também temo o que é diferente... Agora, por exemplo, caídos os véus, nos encaminhamos para um mundo sem magias...

M - (*estranhando*) Por que vem falar disso, agora?

J - Me veio á cabeça.

M - E nesse mundo sem magia... Onde certamente serei estrangeira e inimiga... Escrava, talvez?... lá está o estranho... sempre o outro. O Escravo, o estrangeiro, o outro. Cada um traz de estranho um outro costume de vida... o seu modo de ser.

J - O povo desta cidade deve lembrar-se das palavras dos poetas e pensar o outro com atenção... o outro, o diferente, o estranho, é capaz de devorar seus pais mortos, mas, ao mesmo tempo pode considerar um ato odioso queimar-lhes os cadáveres ou enterrá-los... eles podem dar aos gatos mortos de sua casa um tratamento melhor do que aos humanos... Mas hoje, o estranho disfarça-se de igual, o estranho está por todos os lados, escondendo seus costumes estranhos. Festas estranhas, deuses estranhos... influências perigosas para um povo... grupos políticos estranhos...

M - Por que essa conversa, agora...?

J - Por que você é uma estranha, Medeia... você é o outro... você é o diferente...

M - Como assim?

J - Mulher... mulher já é um ser estranho por si mesmo... para alguns mulher é um ser que nem existe. Nada mais que um espelho do homem... afinal nós construímos o mundo enquanto vocês se escondem nas cavernas... E ainda mais... você... vem de um país que

pensa em termos de nuvens, de efeitos da natureza, de magias e mistérios... um país estranho.

M - A condição feminina oferece privações.

J – (*espantado*) Há uma condição feminina? Mulher, escravo e criança é tudo a mesma coisa... ou seja, nada... Eu sei...

M – Cuidado com as palavras que saem da tua boca, Jasão.

J - A mulher está impedida de ascender ao reconhecimento glorioso que leva os homens a empreitadas suicidas na guerra, ou, como na gloriosa aventura dos argonautas. (pausa) A Honra e os celebrados atributos da guerra.

M – A guerra é sagrada.

J – A guerra pode ser sagrada.

M – Dizem que tem morte bela aquele que morre em batalha, adquirindo, para si e para seus descendentes, a imorredoura glória.

J - Assim é o mundo, Medeia: democrático e tirânico. Masculino e voraz.

M – A guerra é fállica...

J – (*bebendo mais*) Se assim você diz...

M – Espero que você perceba que em pouco tempo, os cidadãos – homens adultos e seus – quando perceberem que são poucos diante da multidão de escravos... aí você vai ver... sem contar o número de mulheres... Mas, Egeu sabe o que faz...

J – Egeu sabe o que faz... (*ergue a voz*) Egeu sabe o que faz... AH! Mulheres! Mulheres! Será que ele sabe que temos escravos doutores, professores, senadores? Servos de nível superior à maioria da população da cidade?

M – As mulheres formam um universo que ameaça a cidade por dentro.

J- Você delira. Sua vida aqui a fez famosa, porém, mais amarga e cheia de sonhos impossíveis. Está muito difícil viver com você.

M – A mulher trará em si uma personagem regida por estatuto religioso especial, um estatuto condizente com sua origem meio divina, meio humana, e coroada por dons mágicos, que se encarregam de estabelecer o contato entre esses dois universos. Você verá.

J – Tá! Mulheres! Sei... deusas... poderosas e mágicas... E, nada disso é delírio?

M - A minha magia está centrada em um saber, o saber ligado ao uso de medicamentos. Eu conheço tudo dos fármacos e das beberagens...

J – Por isso essa quantidade de vidrinhos, ervas... essa coleção de substâncias coloridas... (*olha a bebida*) Mandrágora, você disse? Mandrágora não é veneno? (*bebe*)

M – Isso. A cidade é assim... eu sigo os caminhos dela... A cidade aprecia os contornos cada vez mais nítidos entre o sagrado e o humano, e eu estou aqui para ameaçar esses contornos, e testar limites. Não quero intermediários... quero o “caminho direto”, na natureza.

J- Você é estrangeira... é bom lembrar-se... estrangeira, feiticeira, ativa, passional... intrometida...

M – (*se abraça a ele*) ... e elevo a paixão acima do universo. A paixão é um cadinho de liquores que reagem dentro de nós... a reação pode ser explosiva... Egeu sabe disso... e você também sabe... (*acaricia-o*) Contemplei você, na cama, joelhos, coxas, peito e ombros, todas as curvas nas quais eu me extraviei. (*desolada se afasta*) Penso, agora, no que deixei para trás e me ocorre, profundamente, me ocorre que ao me desfazer dos meus mistérios, eu me desfizera do melhor de mim mesma.

J- Bem sei... estou todo arranhado... você toma alguma coisa para ficar tão... tão quente... tão lubrificada... tão lúbrica... você bebe essa mandrágora? Ou usa a queadura do cravo?

M - Na minha terra a natureza e seus fenômenos ainda são sagrados e secretos; no país já se busca a explicação do mundo pelo que chamam... filosofia... ou ciência. Por causa disso tudo eu posso te olhar de frente, Jasão. De todos os que têm alma e pensamento, nós, mulheres, somos a criatura mais infeliz. Primeiro, é preciso, com o máximo de bens,

comprar um marido, precisamos de um dote rico, e, tomar como aliado o déspota que invadirá com sua lança os nossos corpos.

J – Como se não gostassem... Fazem de uma simples foda, uma batalha.

M - Esse mal é mais doloroso do que o próprio mal. *(ri)* Dizem que vivemos uma vida sem perigos, em casa, enquanto os maridos, os homens, os soldados poderosos, guerreiam com a lança erguida, o símbolo do poder masculino; e pensam mal, pois preferiria eu três vezes lutar com o escudo a ter que parir uma única vez.

J – *(ri)* Você está ultrapassando os limites da tua liberdade. Não há mulher em todo o país que ouse dizer tudo isso.

M – Mas, olha bem... eu até que sou passiva. Meu corpo é teu... você se farta nele com saliva, me penetrando sempre que quer, me lambendo a todo momento que deseja... E eu sei que sempre posso contar com os deuses, são eles que me elevam ao lugar de onde eu possa gozar plenamente de outro direito: Sabem os deuses quem principiou o sofrimento.

J – Ta bom... se você assim quer... mas, veja se prepara algo para comer... a fome me ataca... acho que essa mandrágora me abriu o apetite, e, provavelmente, com tanto tempero guardado nesses vidrinhos você terá preparado algum alimento gostoso.

M - Mau, Jasão mau, você age muito mal...

J – Pode ser... e se possível em pleno mar, como quando buscava o velocino.

M – O velocino de ouro... o toirão de ouro que roubei do meu povo...

J – Mas, não para apenas possuí-lo. A lã do carneiro dourado não pertence a vocês... sempre foi da minha família... fui mandado a tentar o que se achava ser um feito impossível, para satisfazer as ordens de um feitor de coração duro... o rei Pélias... meu tio, você bem se lembra disso... o tio que roubou o trono de meu pai...

M – Ele mandou matar teu pai...

J – De tristeza minha mãe morreu, também... e Pélias se sentou no trono.

M – O trono que seria teu... Você nada conseguiria se eu não estivesse do teu lado... percebe?

J – Você foi muito bondosa, reconheço... Pena que teu irmão não esteja aqui para dar testemunho da tua bondade...

M – Não quero falar sobre isso.

J – *(enérgico)* Mas eu quero... não há nada pior do que cobranças de agradecimento... para pesar bem os valores da bondade... Como foi que você conseguiu cortar pedaço por pedaço do corpo do teu irmão...?

M – Para!

J – Ele parecia dormir, não é? *(olha o copo e devolve o copo para a mesa)* e ao mesmo tempo, você, com a adaga afiada esquetejava o irmão e jogava os pedaços ao mar.

M – Eu já disse para parar.

J - Não tardaria para que teu pai fosse em nosso encalço. *(desfila pela sala discorrendo como em discurso)* Para o atrasar a frota do pai, mata o irmão e despedaça-o, dispersando os restos mortais pelo caminho... *(volta-se para ela)* bela idéia... eu não tinha pensado nisso...

M – Estou pedindo... estou implorando... deixa isso pra lá.

J – A grande princesa Medeia sabia que o pai tentava recolher cada pedaço do filho para lhe dar a sepultura devida. *(pausa)* Bom pai! *(pausa)* Aposto que chorava a cada braço e perna que retirava das águas... Ele já sabia que era você quem atirava os fragmentos do corpo do irmão nas águas, ou ainda não?

M – Zeus se vingou!

J – *(tom)* É... a ira de Zeus. Ele nos afastou da rota... empurrou a expedição para outros caminhos. Se não fosse aquela puta da tua tia... outra bruxa miserável...

M – Fiz isso tudo por você, Jasão...

J – (*incisivo*) Tudo tem que ser feito por mim, Medeia... tem outra opção? Eu sou o herói. (ri) Tudo deve girar em torno de mim... onde inventaram que há igualdade entre as pessoas?

M – Quanta coisa fiz... tudo para dar suporte a você... te dar apoio...

J – Mas Pélias não queria largar o poder.

M – Por isso eu me fiz amiga das filhas de Pélias... eu disse-lhes que seria capaz de rejuvenescer quem eu quisesse e elas acreditaram...

J – Elas adoraram... E elas acreditaram nisso mesmo? (*M faz que sim com a cabeça*) Provavelmente sim... mulher acredita em qualquer coisa... !

M - Para o provar, mandei esquartejar um carneiro velho e o coloquei num caldeirão. Enchi de uma poção fervente. O líquido virou vermelho de sangue e depois verde...

J – (*debochando*) Em seguida, retirou o animal, inteiro e de bastante boa saúde, ele balia e gritava, dando pontapés, pulando para todo lado... faça-me um favor Medeia, para com essas maluquices e alucinações...

M – E o teu pai... ? Lembra dele? (*ela ri*) A prova eu dei com o teu próprio pai...

J – Atrás disso tudo tem sempre um truque.

M - As raparigas, as amiguinhas de teu pai, Jasão, excitadas, correram a esquartejar teu pai e lançar os pedaços dele dentro do caldeirão. Elas queriam teu pai novo e jovem... tudo em nome de Pélias...

J – (*aos gritos contidos*) Mas ele morreu... sua peste... ele morreu...

M – É... parece que você tinha razão... Tudo é uma maluquice... delírios... não é? Como é óbvio, teu pai não voltou a sair do caldeirão com vida. Mas nós dois ficamos juntos, fugimos... você ficou cada vez mais perto do trono...

(*J começa a bater nela. Ela ri. Se agarra aos quadris de J. Acaricia-o enquanto ele bate. Depois de algum tempo de prazer e pancadaria ele se afasta bruscamente, como que arrependido*)

J – Vamos esclarecer isso de uma vez por todas... A morte de Pélias nos levou para o abismo... para o esquecimento... agora, o rei que nos hospeda no exílio, quer que eu case com a filha dele. (*pausa*) Gláucia me espera no palácio... (*Jasão inicia colocar a roupa*)

M – O que? O que é que você está falando?

J - Deixa eu terminar...

M – Que novidade é essa?

J - Foi por isso que vim...

M – Você veio para me comer...

J- Não... isso veio depois... eu vim para te falar...

M – Vai me abandonar... e todo esse carinho que acabei de dedicar a você?

J – É uma troca, questões de Estado.. Ele ordenou que eu te abandonasse, te dará salvo conduto, você e as crianças estarão bem, não se preocupe... Ele mandou... ele é o rei...

M – Que salvo conduto? Nós fomos expulsos da cidade, Jasão... Estamos no exílio...

J - ... Em troca eu me caso com a filha dele...

M – Em troca de que? Isso é humilhante... humilhante... Se não fosse o rei, se não fosse Egeu, que me concedeu asilo, eu e os nossos filhos estaríamos nas ruas, nas estradas, pedindo esmolas...

J – Não tenho mais o que falar...

M – Eu vou me vingar...

J - É isso... Um grande negócio...

M – Eu vou me vingar...

J – É uma grande proposta... todos ficamos bem...

M – Eu vou me vingar...

J – Está no seu direito tentar qualquer coisa...

M – Eu vou me vingar... que fique bem claro... Agora eu lamento ter saído da minha terra, da terra dos meus pais e de meu povo, e deploro a situação humilhante de todas as mulheres, mostrando-se rancorosas e vingativas o tempo todo. *(para J)* Creonte, O rei de Corinto, ordena que eu saia da cidade com os dois filhos... ele diz, abertamente, que teme a minha vingança.

J – Creonte? O grande Creonte teme a tua vingança? Onde você está com a cabeça? Você sabe quem é Creonte? Você sabe que ele já governou, passando por vários obstáculos importante e terríveis acontecimentos? Édipo o acusou de traição... e era mentira... depois do exílio de Édipo, Creonte governou, herdou com justiça a coroa e teve que tomar partido entre um de seus sobrinhos. Creonte sempre foi justo. Sempre colocou o Estado em primeiro lugar. Morreram os dois sobrinhos. E ainda por cima declarou de morte a sobrinha, filha de Édipo e Jocasta, que ele jurara cuidar como filha, levando-a à morte... tudo em nome do Estado... acha que ele não sofreu? Essas são as agruras que o poder nos traz. É necessário tomar decisões brutais, às vezes, em nome do Estado... E você me diz que esse Creonte teme você, uma bruxa simplória... uma mulher?

M – Ele teme. Eu implorei, de joelhos, meu rosto estava quase tocando o chão, mas Creonte não voltou atrás; Ele me deu apenas um dia para preparar tudo ir embora. *(chora)*

J – *(a abraça)* Acalme-se... preste atenção. Você e os filhos serão exilados por causa de seus insultos à casa real. É represália... evidente... É normal isso... por acaso você acha que a casa real deixará passar que qualquer pessoa diga o que quiser contra os reis e príncipes? Ainda mais sendo uma estrangeira?

M – *(furiosa)* No passado fiz de tudo para salvar você Jasão, e você nada faz, agora, para ficar ao meu lado... Eu me tornei inimiga da minha própria família e agora você me trai com essa fria Gláucia... aposto que ela nem sabe abrir as pernas...

J – Nada disso... a coisa não é bem assim... a minha salvação aconteceu graças à deusa e você teve mais vantagens do que desvantagens enquanto me ajudava...

M – Canalha!

J – O meu casamento com Gláucia me fará prosperar e assim terei recursos para melhor cuidar de você e dos filhos. Você irá para o exílio mas não estará só... Por ora, você está bem instalada aqui no palácio de Egeu... Eu vou te ajudar... Contente-se com isso... Tira a túnica, o véu, os colares, as pulseiras e as sandálias. Guarda os pertences numa arca e, vista-se, como se fosse uma mulher daqui e não com essas roupas do teu povo. Será melhor assim.

M – Eu não quero tua ajuda.

J – Egeu não te trata bem?

M – Muito bem.

J – Egeu não te trata com carinho?

M – Egeu me trata com muito carinho.

J – Egeu, por acaso tem medo de você, também?

M – Egeu me come todo dia... nem tem medo nem nojo...

J – *(ri)* Então, não há muito do que reclamar.

M – Não... não há... Está bem... desculpe-me...

J – Assim é melhor...

M – Vou aceitar tua ajuda, sim... se você puder...

J – Fala.

M – *(pausa em pensamento)* Eu peço que intervenha junto à tua nova esposa... para reverter o exílio dos filhos, pelo menos... Eu enviarei as crianças até a filha de Creonte, até Gláucia, e mandarei presentes, se for o caso... presentes... adulações... lisonjas... como sinal de boa vontade. Como sinal de aceitação dessas condições...

J – Está bem... Vou falar com eles... Eu mesmo converso com Creonte... Gláucia fará o que eu quiser...

M- Claro... claro... você está coberto de razão... você é o herói... você é o maior... o príncipe.

J – Devo ir agora, então...

M - Mas antes eu tenho um último desejo...

J – Qual é?

M – Quero ser possuída por você, como se fosse a última vez, coberta com o velocino de ouro... é o símbolo de nossa união, é o símbolo de minha traição e, é o símbolo da minha humilhação

J - Teu povo adora esse velocino dourado, julga que esta manta possui um significado mágico. Mas, para o povo daqui não passa de um tapete que significa apenas glória e poder.

*(Jasão pega o velocino que está numa sacola. Deve ser um novelo dourado em malha muito brilhante, o máximo possível de brilho que roube a cena. Eles se cobrem e passam ao ato sexual feroz)*

Joga em mim tua semente...

*(M repete muitas vezes esta frase sempre em crescendo) Mais uma vez, mais uma vez (repete)*

*Eu sou tua... eu sou tua (atingem o clímax. E caem no leito. Jasão se levanta, tira o velocino de Medeia, que está desfalecida, e amarra Medeia com uma corda. Jasão sai).*

**PARTE DOIS**

*(Mudança de luz / Medeia está envolvida e amarrada pela corda. Há vapor que surge da parte detrás. Fogo arde ao fundo. Objetos cintilantes, vitreos, frascos. Móveis que balançam e brilham)*

MEDEIA - Eu sou uma menina, eu sou uma mulher. Uma velha. Uma santa, uma bruxa. Eu sou uma senhora traída. Rejeitada. Abandonada. Esquecida atrás dos biombos de das camas. Perdida na mata da civilização. Tudo que fiz na vida parece inútil. Muito inútil. Inútil demais... *(tenta se soltar, desamarra-se, enraivecida, isso a irrita, mas ela consegue e num grito)* Eu estou louca! Louca de amor! Louca de paixão!

*Entra Jasão, andando calmamente, mexendo nas coisas, levemente curioso*  
M - Ah, meu grande amor. *(ela a olha mas não altera com o que ela fala)* Se eu tivesse força eu te matava. *(J continua mexendo nas coisas)* Eu me banhava no teu sangue. Me esfregava no chão sobre o teu cadáver. Aqui, neste lugar sagrado. *(M se deita na cama)* Neste altar de sacrifício. Vem... Quero te matar... devagar... aos poucos.

JASÃO – Você tem sal?

M - Ah, menino maldito. Castigo dos Deuses. Há anos te espero. Eu sempre te esperei. Fiz-te tão forte. Embalei teus sonhos mais loucos de futuro.

J – Eu gosto disso tudo com um pouco dos bárbaros temperos do oriente.

M - Como pode me deixar assim? *(M pega as cordas)* Não vai ser fácil não. Não vai ser fácil de jeito nenhum.

J – Você sabe que essa coisa de comida oriental é pra gente fresca.

M - Eu falo com o demônio. Eu imploro a Deus. Eu rezo. Eu oro. Eu peço justiça.

J – Quero ver as pessoas comerem jabá com jerimum. Isso sim é uma iguaria digna de um paladar aguçado.

M – *(ela desaba triste)* Eu estou só. Tudo está quebrado e fora do lugar, mas... eu garanto que tudo vai brilhar novamente. Meu futuro vai ser lindo e cheio de coisas boas para você e para mim. Para você e para mim. Para você e para mim *(dito em tons diferentes)*

J – Depois completamos com uma boa tigela de manga com farinha. Coisas do ocidente...

M - Eu tenho fé. E é esta fé que me dá forças. Eu farei novos feitiços, tão fortes feitiços que há de enlouquecer longe de mim. Vai lambe o chão para me procurar. Vai se arrastar como um animal faminto de meu corpo.

J – Você ouviu o que eu falei? É sempre a mesma coisa. Parece que falo sozinho.

M – *(se agarra a ele)* Vamos recomeçar o nosso caso. Nosso romance.

J – Ta. É assim tão fácil! Ah! Riremos sobre o que passou, não é?

M - Seríamos leves. Nada de cobranças. Nada de perseguições. Felizes novamente, eu tenho certeza. Lembra como éramos felizes?

*(vai se desfazendo lentamente das cordas)*

J – Na verdade... Não.

M - Ficaremos em casa só nós dois.

J – Isso é ser feliz?

M – Olha! Sem atender ninguém... agarrados num gozo tão profundo, tão bom.

J – Você sabe quanto tempo dura um gozo de homem? Segundos.

M - Voltaremos a ser inocentes.

J – Você pode falar o que quiser... mulher pode gozar e ficar gozando... percebe a diferença?

M – *(grito comprido e crescente de raiva)* AH! Eu estou com raiva agora. Você me irrita. Mas vou dar a volta por cima.

H – Ah! Medeia voltou, finalmente. *(J olha em volta)* O cenário do nosso lugar não mudou em nada. Aquele que dividimos todos esses anos. Frascos, poções, venenos, licores... *(toma do copo em que bebera)*...

M - Meus olhos te procuram, Jasão. Meus olhos são duas bolas loucas te procurando. Meu sexo está ardendo. Minha magia me atormenta. *(J sai. M Poe uma roupa estranha porém sedutora)* *(deita-se na cama, olhos estatelados. A cena que segue tem Medeia na cama, se contorcendo enquanto fala, num crescendo)* Eu sou Medeia. Há quem me chame de bruxa. Há quem diga que fui abandonada. Eu devo ter feito por merecer. Isso não importa. Talvez em um momento de confusão. De delírio. De fuga da minha condição de mulher apaixonada. Apaixonada por Jasão. Apaixonada por mim. *(M se toca)* Quem não desejará essas carnes? Eu te amo tanto, Jasão! *(M se toca)* Qualquer homem desejará esse corpo. Eu te amo muito e não sei viver sem você, Jasão. *(ameaçando)* Se você me deixar... Se nunca mais voltar aqui... Se me deixar eu me mato! Eu mato as crianças, eu vou explodir o mundo. O mundo me chamará de Lilith, de Hécate... eu matarei as crianças... Eu transformo gente em merda. Eu incendeio este lugar até o inferno!

*(reEntra Jasão, com uma roupa bizarra, de plástico amarelo como roupa de chuva)*

M - Jasão larga tua amante. Gláucia não é amante adequada para você.

J – Não tenho amante.

M – Você é meu marido. Marido meu. Volta pra mim. Eu te espero mais quente do que nunca.

J – Não é essa questão. Nem sei por que ter apenas uma mulher... ou um homem.

M - Eu que só sei ser tua.

J – Pois é uma pena. Você se divertiria mais...

M - Tua puta. Tua porra. Teu lençol. Tua minha vida toda.

J – Controla o teu gozo, mulher. Os vizinhos são moralistas... a cidade é moralista... e gosta de julgar sem ser julgada...

M - Sem estar contigo eu sou feia. Tenho que usar os produtos mágicos... Não que me faça bela. Mas com você eu sou todas as outras mulheres... eu me sinto muitas. Não me esquece Jasão.

J – Vai pra cama que eu já vou para lá... antes tenho que construir uma pequena civilização.

M - Rá! *(pausa e segue uma risada assustadora)*. *(desdenhosa)* Civilização. Eu sou uma jóia bem trabalhada pelos melhores artesãos do demônio.

J – ... mas parece que eles mesmo largaram a ... jóia, por aí. Na lama... no lodo... Essa casa parece um chiqueiro.

M - Rubis. Pérolas. Diamantes azuis. Algas marinhas. Um carnaval, um ácido corrosivo. *(corre para ele e o abraça. J não se move, só espera)* Eu vou te abraçar de novo querido. Você é meu para sempre. Vamos dormir outra vez no nosso paraíso. Eu me abro toda... me arreganho... daquele jeito que você gosta... vem...

J – Vai pra cama que eu já vou. *(enquanto isso Jasão põe a máscara do Jason)*

M - *(deitada, braços esticados para trás, olha pra cima como que pensando)* Eu serei tua esposa novamente e fico te esperando. Satisfaço você do jeito que quiser... do jeito que precisar. Todos os teus desejos. Até os mais loucos desejos... animaiscos desejos.

J – Já sei... Você já disse isso: *(imitando M)* Minha magia será tua. Trarei mil meninhas para você. Farei festas em homenagem a Baco... . Recepções finíssimas. *(mudando)* Você se esquece que eu não bebo. E, que Baco, para mim, não passa de um deus do segundo time...

M - Música de cítaras e alaúdes... Canto de ninfas e nereidas... Viajaremos o mundo todo, Jasão. Lugares exóticos que tão bem conheço.

J – Grande poesia... Acabo de voltar de uma longa viagem, Medeia...

M - Esse momento sem ti, esses meses, tudo vai ser esquecido.*(pausa)* Vem trepar! Vem... vem... *(pausa. J a olha. Balança a cabeça sugerindo qua mulher perdeu o senso)* Se você não quiser trepar mais comigo eu entendo. *(pausa, observando J)* Esse negócio de sexo, você

sabe, para mim não é tudo. (J ameaça ir até M) Vem vem... *(ela se contorce, como se já gozasse)* Eu faço qualquer coisa, mas... Volta pra mim! *(M se levanta vai á mesa, bebe num cálice o que muito a excita. M se ajoelha e se prende nas pernas de J. Desespero)* Não me deixa! Não me deixe só nunca mais. Nunca mais.

J – Você já sabe que eu vou me casar. *(M se afasta)* Coisas de Estado. Uma princesa.

M - Eu não vou agüentar nem mais um dia.

J – Tem que ser mais jovem... você sabe... coisas de Estado... herança... poder... filhos...

M - Hoje eu decido tudo. Antes do teu casamento é o tempo que eu te dou.

J – Vai fazer o que? Você não irá ao casamento?

M - Depois? Quer mesmo saber o que farei depois?

J – Eu mandei que enviassem um convite... azul marinho... escrito em letra prateada.

M - Eu pego minha vassoura e vou embora *(ri e a risada a faz dançar e ela ri como louca)* Eu subo no carro dos deuses. *(ri e canta uma valsa qualquer)* Eu pego uma fênix recentemente renascida... Transcendental. Eu vou embora, voando, e a gente daqui nunca mais verá Medeia... *(parando aos poucos)* pelo menos... desse jeito que ela está agora.

J – *(se aproxima por trás e a abraça. Vão desenvolver um jogo amoroso)* Sabe como eu me sinto? Até que feliz... apesar dessa coisa de casamento. *(a deita no chão)*

M – *(amarga)* Eu me sinto como uma coisa “jogada fora”.

J – Que é isso... sempre que puder eu venho

M - Mais do que traída eu estava me sentindo fria e ansiosa. Apagada. Sem perspectiva.

J - A tal princesa é virgem... se bem que eu duvide... mas isso pouco interessa.

M – A idéia de matar... Executar a minha vingança vai me dando forças, forças!. É isso...

J - Isso o que? Ela é virgem mesmo?

M - Eu acabo com tudo e vou embora.

J – Não acaba ainda não... ainda não consegui...

M - Sabe por quê? Pois o buraco que você procura está em outro lugar...

J – Não... não... está aqui... estou nele... estou nele... *(movimentos intercurso)* O que eu sei é que... eu te amarei para sempre e nunca vou matar você.

M – Eu também... nunca matarei você... Mas também nunca mais você vai se feliz. *(intercurso / Jasão goza aos berros /Medeia não)*

J - *(J se levanta, se arruma e sai)* Te vejo depois... procura o convite, ta? Ninguém entra sem convite...

M – *(se arruma lentamente)* E depois que passar o tempo de você voltar para mim, que é o tempo da piranha que está com você morrer... depois de passar este tempo e você não voltar até amanhã... Depois eu não quero mais... Depois de amanhã Medeia será ela mesma de novo. E todos dirão: “Medeia voltou! A nossa Medeia está de volta com sua magia e sua generosidade!” Haverá um novo mundo para Medeia , porque Medeia tem magia e... nenhum mortal pode derrotá-la... Jasão tentou... tentou... *(ela retira a roupa estranha e fica vestida de uma roupa muito simples e comprida. Enquanto isso continua falando)* Como fez...de uma maneira mentirosa...e mesquinha! Prometeu amor eterno. Que seria meu! E foi. Foi para longe... Foi para longe de mim. Enganando-me com quem não vale metade de mim!

*(J entra com roupa principesca)*

J – Você não sabe perdoar nada em mim.

M - Chamava-me de rainha. Adulava-me. Elogios vagos e sem sentido.

J – O tempo passou. Cronos é senhor... O teu tempo passou. A civilização que construí precisa de carnes novas.

M - Enganando a mim... que tudo te deu. Deixando-me louca!

J – A loucura lhe cai bem, até... quando você está no cio fica um docinho... Dá até o dói mais...

M - Agora é tudo ou nada. Chegou minha vez.

J – Já não posso mais esperar. A comitiva está aí em baixo. Você vem comigo ou vai sozinha? Achou o convite azul?

M - Amanhã este antigo mundo verá o sol pela última vez. Com o pôr-do-sol amanhã escurecerá para sempre o velho mundo de Medeia.

J - Achou o convite? (sorrindo) Olha que eu te avisei... Sem convite... sem festa...

M - Eu vou nascer de novo com ou sem você! Com ou sem esta cidade.

J – Por favor, Medeia... Chega de filosofia barata...

M - Eu sou maior. Minha arte é imortal. Eu tenho poderes inimagináveis.

J – Ta... ta... tudo bem...

M - Eu sou bruxa, bem sabe.

J – Bruxa... sim... você bebe um pouco de vinho e começa a falar bobagem. Essa tua magia... contra minha poderosa família... (*balança a cabeça*) não vale nada!

M – Poderosa família! Que nada! Bosta! Cocô cheio de vermes e mosquitos é a tua riqueza. Se eu pareço velha para um rapaz forte e bonito, como você Jasão. Se tem nojo de mim e finge me ignorar completamente. Se fala mal de mim ou não, isso já pouco me importa.

J – (*Frio / ajustando o cinto*) Ótimo... assim fica mais fácil... Quer que te beije? (*vai ao pescoço de Medeia*)

M - Os astros amanhã anunciarão o início de um novo ciclo.

J – Ciclo menstrual? Você está no período fértil?

M - A lua me encontrará rejuvenescida, príncipe Jasão. Brilhante com minhas novas roupas, novo penteado, nova maquiagem, novo olhar.

J – Isso... é assim que se fala... fica bem bonitinha... arruma uma roupa bem tesudinha que logo depois de comer a princesa... obrigação do Estado... eu venho me deitar com você...

M – Cala essa boca. Ouve. É um último aviso... A partir de amanhã à noite recolho todo meu poder. Preparo-me para isto há algum tempo. Já sabia que ia dar nisso.

J – Medeia... tenho de ir...

M – Medeia tem de partir... Medeia partirá para sempre ! Nada restará de meu casamento contigo.

J – Eu sei.

M - Nada. Nenhuma lembrança. Destruirei tudo e cuidarei para que sofra.

J – É uma ameaça ou uma promessa?

M - Para que, sofra muito e pague cada lágrima, cada minuto de envelhecimento que causou em mim.

J – Eu também envelheci... (*se olha ao espelho*) um pouco!

M - Jasão menino maldito!

J – (*alto, apontando o dedo incisivo*) Até hoje nesta prisão, eu deixei teu espírito me consumir... matar-me com esse monte de lembranças e um corpo insaciável. As coisas se repetiram e eu procurava dentro de mim, cada vez mais mergulhando no fundo de mim mesmo, tentando buscar saídas... e você sabendo que há uma obrigatoriedade de Estado nisso tudo... é assim que se faz... O tempo moderno é assim...

M – (*para si*) Por que os deuses me fizeram esperar tanto?

J - Quantas correntes precisam ser rompidas para que eu me veja livre de você... a não ser que aceite o acordo que proponho...

M - Você imagina o que farei com as nossas duas crianças quase tão abandonadas quanto eu? Sim. Porque eu fui mais abandonada do que essas crianças, filhos teus, que passaram pelo meu útero. Meu ventre!

J – Só podiam passar por você... eu não tenho útero...

M - Eu pari dois filhos para você.

J – Não! Você pariu dois filhos para nós... e por que quis... onde estão as beberagens que evitam filhos? Era isso que tínhamos combinado, não lembra?

M – (*grito*) Não... não me lembro. Essas duas crianças nasceram, ora essa! Quatro olhos

teus olhando para mim. O tempo todo... trazendo a memória de volta... As noites de longas fudas...

J - Eu não quero nada disso... e nem quero mais ouvir sobre isso.

M - Meu poder de renascer será só meu.

J - Medeia... pega tua magia...

M - Jasão, você, Jasão, você me desprezou de modo tão absoluto, você homem que amei viverá o horror... o que fez comigo vai te custar o resto da tua vida. Pagará. Há de me pagar, maldito Jasão. Não haverá lugar de paz.

J - Não passa de uma cachorra de rua!

M - Isso é uma praga... Doente, faminto, sonolento. E as feiticeiras do inferno brincarão com a tua alma e com as almas que ousarem te ajudar. Eu salgarei a Terra, toda, ao teu redor nada mais nascerá.

J - Em breve eu mandarei nestas terras e você partirá para o exílio de todo jeito. Ouve bem... Para com isso, venha ao meu casamento... depois eu volto para você...

M - Continuará vivo, mas tenho certeza que depois de amanhã preferirá a morte. Logo você, que hoje sorri tão confiante, não imagina o que te aguarda amanhã...

J - Eu busquei o velocino de ouro... eu naveguei com os argonautas... quebramos todos os padrões de ousadia... mulher... o que é que uma simples mulher, bruxa, pode fazer com Jasão?

M - Deixei de ser bruxa para te fazer feliz. E como me pagou?

J - *(partindo para cima dela, abraçando-a pela cintura)* Paguei com carinhos, beijos e abraços.

M - Pensa que o jogo acaba assim? Não, meu filho. Não mesmo! Meus poderes voltarão! Meu pai Rei! Hécate, minha mãe, poderosa sacerdotisa, deusa lunar que domina os mistérios da morte! Virão para me ajudar! *(Medeia aqui faz gestos de invocação, enquanto Jasão se aproveita do corpo da mulher)*

J - Onde está o teu tosão de ouro... tua pelagem macia... onde está Medeia a tua carne gostosa?

M - Na busca pelo Tosão de ouro, o talismã maldito... foi aí que iniciou-se a minha miséria.

J - lembra que você matou teu irmão... por mim...

M - Para salvar o homem que amo... assassinei meu irmão! e pra quê?... *(gozando)* Ó minha madrinha Circe que amargura sinto na minha boca. E como está negra a minha alma. Quero matar. Quero fazer sofrer! *(ajoelhando e segurando o rosto de J)* Mas, não quero te matar.

J - Basta! Isso já está longe de mais.

M - Morrerão a cachorra nojenta que te roubou de mim e, morrerá, também, o pai dela. Morrerão nossos filhos, e para você meu querido... esta será a tua desgraça. Não terá um segundo sequer de paz. Enquanto eu...(ri) partirei em segurança e reconstruirei minha vida, ao lado do meu pai, que me perdoará. Eu sei. E quanto ao sonho dos argonautas, o sonho dos teus amigos imbecis, eu só tenho que rir deles... *(ri desesperadamente e alto, rodopiando)* gargalhar muito. São rápidos? Têm uma centena de olhos? Ninguém me pega! Tua força está quebrada Jasão! Quebrada! De nada vale a força de Hércules ou a música de Orfeu.

**PARTE TRES**

*(Medeia que foi para trás do véu / veste roupa de casamento)*

MEDEIA – Estou me vestindo para você. A caça pode se deixar cair na armadilha uma primeira vez e escapar. Se deixar-se prender uma segunda vez, é porque gosta de sacrifício.

JASÃO – O que? Não entendo o que você quer dizer com isso. Acho que você está fazendo tudo errado.

M – Não quer se casar?

J – Nós já somos casados.

M – Casamos outra vez.

J – Agora a questão é outra, mulher.

M - Jasão, você subestima a minha fúria.

J – Faz como Gláucia. Fica fria. Fica indiferente aos acontecimentos. Lembra que é questão de Estado. Corinto me espera para ser seu rei. É melhor assim do que ser abandonada, não é? A vingança terrível começa pela rival.

M – Mas um presentinho ela pode receber... um vestido... um simples vestido... todo bordado e salpicado de diamantes...

J – Herdeiro de Creonte, herdeiro de Édipo, herdeiro de Polúbio... Uma dinastia de heróis...

M – *(falando para si)* Medeia envia-lhe um vestido... Medeia enviará uma coroa... o símbolo da realeza... o símbolo de uma feminilidade trará a liberdade... eu me recuso a ser brinquedo dos homens... *(Medeia borra-se de baton e pinturas, acaba com as mãos manchadas de vermelho / horrorosa / grita para dentro.)* Ama, venha cá... venha me ajudar. *(a Ama entra / media e ama preparam alimentos / de vez em quando, do nada, medeia estapeia a Ama)*

J – *(Completamente entediado)* E depois tem outra coisa. Já não sinto gosto em sua comida. Você provavelmente não sabe mais cozinhar como antes... coisa alguma.

M – Mas, em breve sentirá prazer. Juro pelos meus sentimentos que em breve sentirá muito sabor no meu tempero.

J – Há coisas mais importantes no mundo do que os seus sentimentos, pode acreditar.

M – Eu acredito que devo insistir em desenhar o meu próprio destino. Uma época em que o papel feminino é secundário...

J - Sentimentos contraditórios e profundamente cruéis... são normais nessas almas femininas.

M – Meu caro, eu sou sacerdotisa de Hécate, minha mãe... seguidora de Circe, minha tia... uma família de bruxas exemplares...

J – Sim... Você já falou isso mil vezes...

M – Repetirei sempre. *(em alguns erros da Ama Medeia lhe sapeca uns tapas)*

J - E isso deve me assustar, ou assustar alguém, por algum acaso...

M – Você, um dia Jasão chegou à minha terra, para reclamar o velcino de ouro para si.

J- O tosão deve ficar sempre com o herói maior... Eu... é evidente...

M - Aetes prometeu-lhe o velo...

J - Lavrei o campo com dois touros monstruosos e indomados, de cascos de bronze e que expeliam fogo pelas narinas. Em seguida, semeei no campo lavrado os dentes de um dragão que fora morto por ancestrais em tempos passados. Dali deveriam nascer soldados terríveis, os cadmeus...

M – Foi aí que eu me apaixonei... verdadeiramente me apaixonei... Eros, e Afrodite me enredaram numa armadilha... e eu me apaixonei por você. Prometi ajudar você, Jasão, o estrangeiro, em troca... em troca... você se casaria comigo... não foi? Não foi? Eu fiz com essas mãos um unguento que você usou no corpo e no seu escudo, tornando-o invulnerável

ao fogo e ao ferro durante um dia - o suficiente para enfrentar os touros e lavar o campo, não foi? E vencer e me vencer e me levar e me tomar e me possuir...

J - Dos dentes de dragão nasceu uma tropa de soldados que se virou contra mim, e isso foi coisa de teu pai, traidor... e que tentou me matar.

M - Mas eu te ajudei a se livrar deles, não foi? Diga que foi... diga que foi... diga de uma vez...

J - Foi... mas isso não altera nada... Gláucia ainda me espera.

M - Você fala ... fala... e não pensa... meu presente já foi... já enviei para Gláucia... minha felicidade terá maior duração.

J - Explica melhor isso. Do que é que você está falando?

M - Quando eu sai da cidade, levei meus frascos, meus liquores...

J - Sei... esta porcaria toda que está aqui...

M - Isso... isso tudo... astúcia e magia... (*estapeia a ama*) Mandei para sua puta do palácio... um vestido e jóias - um presente literalmente envenenado, Jasão... Cada acessório foi embebido numa poção que só eu sei fazer. Sei que agora ela está morrendo, ardendo, corroída pelo veneno... (*Jasão se assusta*) o corpo dela invadido de um fogo misterioso que vai se espalhar por seu pai... quando Creonte a abraçar o fogo danado se espalhará para o seu pai e isso vai para todo o palácio.

J - Você está brincando... ou está louca...

M - E eu vou me embora daqui...sozinha... sozinha... saio daqui esta noite (*começa a preparar suas roupas puxando a ama violentamente*) Fica com as crianças... casa com Gláucia, a fogosa, a ardente, se puder... e toma conta das crianças.

J - Se você fugir sozinha e não levar consigo os filhos com certeza serão apedrejados até à morte pela família de Creonte, como vingança. Disso não há dúvida. Pense bem... o que faço agora é para protegê-los no futuro... Gláucia terá filhos reais e serão irmãos dos nossos filhos... Pense bem... Estarão seguros... Enfim... Creonte não dura a vida toda... (*Jasão sai . Medeia está só e retira sua roupa de casamento, mas a roupa deve parar em pé, sozinha*)

AMA - Você é transgressora, bárbara, bruxa, fêmea, enfim, você parece uma terrorista que assola nossos dias... é como a luta do mundo civilizado contra o mundo bárbaro.

M - Cala essa boca, ama.

A - Quem são hoje os bárbaros e os civilizados? Civilização e barbárie... a aceitação do que é diferente... isso é o ponto de toda a discórdia de todos os povos...

M - Na verdade nunca se aceita aquilo quem é diferente.

A - Má a tua sorte, senhora e por culpa desse Jasão. A senhora está desonrosamente ferida na fibra mais sensível do seu coração... quer uma fidelidade que Jasão prometera e invoca os deuses por testemunhas... mas tudo é inútil.

M - Minhas paixões são mais fortes que a minha razão.

A - Aquilo que o homem entendeu quando viu a semente que perde sua forma sob a terra para depois renascer foi a lição definitiva: o renascer, Medeia.

M - Mas, agora, essa lição definitiva não serve de nada. O que Jasão entende do renascer dos cereais é para ele vazio de sentido, como uma distante lembrança que não diz mais nenhum respeito. Com efeito: para Jasão, não há deus algum.

A - Enquanto você estava sob o feitiço do amor de Jasão, nenhum deus existia para você, Medeia.

M - Postei-me à sua frente fervendo em ódio. Jasão, que não ama coisa alguma, continuava gélido. Trata-se de um cínico que freqüentou os bancos escolares dos sofistas e aprendeu a técnica verbosa, mas vazia.

A - Seu raciocínio é perfeito, até no paradoxo: vai se casar com Gláucia para salvar você da ira de Creonte e para o bem dos filhos. Faz dos deuses testemunhas da recompensa que recebe do marido e jaz sem alimento, abandonando o corpo ao sofrimento...

M - Eu não quero morrer de fome.

A - Chora todos os dias... teus dias todos... se possível...

M – Mas eu não desisti de nada...

A – Medeia, tem de parecer como um rochedo...

M – Não quero saber de consolo...

A - Lembra da tua terra... lembra do pai querido, da terra, a casa que traiu para seguir esse homem que hoje a despreza. Lembra da mãe-deusa Hécate ligada ao mundo dos mortos, deusa da magia e dos encantamentos... Jasão desrespeitou o juramento a Hécate e não passará dessa impune.

M - Eu salvei Jasão e a todos os que embarcaram no navio Argos. Fui eu que, oferecendo-me de todos os meios, fiz brilhar para ele a luz da salvação. Traí meu pai, eu, sim, e traí a família para levar Jasão embora. Matei meu irmão, fiz Pélias morrer também, da morte mais cruel, imposta pelas filhas. Tratado assim por mim, homem mais vil de todos me traiu e quer trepar numa nova fêmea.

A - Os deuses te darão quantos bens no mais íntimo almeja, Medeia...

M - Com isso os inimigos se irritam, mas os amigos exultam; ao máximo os dois rejubilam. É isso o que Jasão está aprontando com a piranha nova. Não permitirei, ama, que riam de mim os inimigos! Terá de ser assim. De que vale viver? Já não existe pátria para mim, meu lar, nenhum refúgio nesta minha desventura. Fui insensata quando abandonei o lar paterno, seduzida pela fala desse príncipe... se me ajudarem os deuses, me pagará justa reparação em breve... muito breve. *(Medeia como que desperta do sonho. Corre. Grita la ama segue em invocações e danças)* Sol, fala novamente comigo *(o sol brilha)*. Lua, mostra teus poderes da noite negra. *(A lua brilha)* Ama. Pega a arca e retira roupas e adornos. *(a ama o faz. Medeia e um ritual com ervas e evocações. Ao findar o ritual toca um gongo ou sineta / entra o mensageiro MS. Ela aponta para o pacote que aprontou)*

M – Deve levar tudo isso para a princesa Gláucia. São presentes.

*(MS vai pegar)* Ouve! Não abra esse pacote. Não toque em nada. Dê nas mãos da princesa Gláucia. Vai! *(enquanto ele sai)* Tudo é santo! Não há nada de natural na natureza. Quando a natureza te parecer natural, isso será o fim de tudo e o começo de outra coisa.

MENSAGEIRO – Medeia, minha senhora, não é apenas a esposa sanguinária e vingativa, mas uma figura que personifica as forças cegas e irracionais da natureza, uma ânfora cheia de conhecimento que não mais lhe pertence, mas a origem não se perde: ainda a senhora é a grande feiticeira.

M – Mensageiro. Se a luz é um bem para os homens, porque sem ela nada enxergamos, seu excesso pode matar.

MS - O resto dessa história são incêndios, senhora.

M – *(grita várias vezes)* Incêndios! Incêndio! Eu sou Medeia de um deserto tão grande. Eu sou Medeia, a mãe abandonada. A esposa abandonada.

MS - Que mal Medeia fez aos infernos para esta revolta e maldição contra tua feiticeira, que já foi tão útil e fiel ?

M - Eu sou Medeia, incompreendida. Pensam que eu vou me embebedar? Pois olhem e olhem bem. Este corpo tenso e furioso com a tristeza e decepção. Este corpo já atravessou tantas batalhas. Já viu o orgulho, de vários povos, espatifado. Já vi rainhas destruídas, reinados em chamas apavorantes. Sei muito bem para que serve a esperança trazida pelas crianças. As crianças. As crianças. As crianças.

A - Medeia está despedaçada. Ela é o sobejo da morte.

M - Eu vomitei minha alma vermelha quando fui esfaqueada. Vomitei minha alma vermelha quando quiseram me esquarterar. Eu gemi, eu gritei ali, naquela agonia, me torcendo. Andando milhas, andando quilômetros dentro de mim, viajante solitária do meu deserto imenso, magníficos cenários para o meu desfile, minhas buscas. Eu mulher peregrina.

MS - Trabalha Medeia, trabalha e compõe tua música.

A - Mas qual é a essência do mundo? Pra quê vivemos? Será que é somente para gerar filhos?

M - Meus filhos... (*pausa*)

MS - Sofrer é um erro de cálculo. E o único pecado é a ignorância.

A - Você parece calma, agora, em relação ao que está acontecendo.  
M - (*grita*) Jasão, isto que te envolve, todas estas pessoas, toda esta aparência de grande família, isto tudo vai te custar muito caro. Você arruinou minha vida de propósito. Por isso então estas palavras de maldição! Tudo que é bom pra ti cessa de existir quanto eu matar... outra vez! Miserável!

MS - Se essas pessoas pudessem ver o lado escuro de Jasão...

M - Tua malícia vai ter um fim hoje, Jasão, príncipe de merda. Beberei. Dançarei. Dormirei com reis. Novamente serei eu mesma. E de todo esse sonho bobo de formar um lar restará um vento soprando, uma sala vazia. Nosso amor será como um vento soprando numa sala vazia: nada! Nenhuma roupa. Nenhum pensamento. Um móvel. Um imóvel. (*invocação em canto e dança*) Ó deuses! Eu os invoco neste momento. Senhora de todos os momentos. Ó rainha das coisas mais sagradas! Hécate! Proteja-me com o seu manto absoluto.

**PARTE QUATRO**

*(um gongo soa de fora)*

MENSAGEIRO – Jasão está aí.

MEDEIA - Ao mesmo tempo valente e volúvel.

MS – Senhora, uma criança, nada mais é que uma criança que foi educada pelo centauro Quíron. Ele quer saber se pode entrar.

M – Seu tio Pélias, aquele velho bode, não acreditava que Jasão poderia ter sucesso na missão de buscar o velocino de Ouro, nem que poderia voltar vivo, mas Jasão zombou dos perigos. Com minha ajuda...

*(gongo)*

MS - Jasão montou uma tripulação com 50 heróicos companheiros de todas as partes do país, senhora... Hercules estava lá, senhora, os gêmeos Cástor e Pólux e Orfeu, senhora, aquele que voltou da terra dos mortos sem nunca ter morrido.

M – Um navio que por si só era um oráculo.

MS – Senhora, com todo respeito... os Argonautas alcançaram a terra de teus pais, o país em que o Velo Dourado estava retido pelo rei Aetes.

M – Eu sei... meu país e meu pai...

MS – O Rei Aeste concordou em desistir do Velo de Ouro se Jasão dominasse os touros que respiravam fogo e tinham pés de bronze, além de semear os dentes do dragão...

M- Eu sei... eu sei...

MS - Jasão realizou sua tarefa com êxito...

*(gongo)*

M - Com minha ajuda, a filha do rei. Apaixonada que estava... joguei um feitiço em Jasão fazendo-o invencível durante o dia de sua prova e isso o ajudou a roubar o velo na mesma noite, encantando o dragão que nunca dormia e que guardava o velo, fazendo-o, finalmente, adormecer. Em troca da ajuda, Jasão prometeu se casar comigo tão logo quanto eles estivessem em segurança na Hélade. Levamos o velocino, Jasão e sua tripulação conseguiram escapar de meu pai, mas para isso tive que picar em pedacinhos o meu irmão e jogá-lo ao mar. Ao chegarmos aqui a tripulação de heróis se dispersou e Jasão entregou o Velo Dourado a Pélias.

*(gongo)*

MS – Mas, na ausência de Jasão, Pélias tinha obrigado o pai de Jasão a se matar, e a mãe havia morrido pela tristeza. Não é isso?

M – Isso mesmo e para se vingar de suas mortes, outra vez eu fui em auxílio a Jasão. Enganei as filhas de Pélias, que acabaram por matar o pai, e então fomos para Corinto. Lá nasceram as crianças. *(pausa)* Ao invés de ser agradecido por tudo o que fiz, Jasão resolve se casar com essa Gláucia, com a filha de Creonte. Eu não posso deixar que meus jovens filhos sejam abandonados na guarda de estranhos para serem maltratados... não posso.

*(JASÃO entra)*

M - Teu braço não poderá me atingir, Jasão. O sol é meu avô e protege-me contra meus inimigos. Sou ruim? Sou nojenta? Causo horror? Como ousarei olhar o céu e a terra depois de cometer mais este crime? Depois de matar meus filhos para vingar-me do meu marido? Ora, se matei meu irmão, meu amado irmão e traí meu pai por te amar... Jasão, eu matei meu irmão pelo nosso amor. Pelo nosso amor fracassado serei capaz de coisa pior. Você bem sabe. Afundarei teu navio.

*(Jasão faz sinal para que o mensageiro saia e este o faz com uma reverência / carregando o pacote)*

Marinheiro. Argonauta. Marinheiro safado. Guerreiro de bosta! Ingrato! Entreguei o que restava da minha juventude... vou ensinar esta canção às pessoas... Não pode existir ao mesmo tempo o feliz e o triste... ! O carrasco deve sofrer... sofrer! Com isso sofrerás menos. Meus filhos... foi a perversidade do pai de vocês que nos perdeu! Ele se casa e somos abandonados... homem podre!... Filho da puta. Você me fez em pedaços...

*(Medeia começa a dançar / em seguida a ma a ajuda /depois levantam uma fogueira em algum ponto do palco / )*

Depois de hoje você terá muito enterro para ir... !

*(Escurece em azul e vermelho Sons de duas crianças gritando apavoradas, gemendo. Medeia grita desesperada . Sons. Ventos. Trovões. Correntes. A ama trás duas crianças pequenas / quase que abraçadas entre si / Medeia dança em torno delas / A ama trás bacias de água que joga sobre as crianças / Jasão tenta impedir / há luta sobre água / puxa de criança para lá e para cá / Jasão agride Medeia e a ama / lutam)*

Nossos filhos foram queridos por mim... são crianças que você rejeitou. Seus filhos.

JASÃO – Louca! Para! Sua louca!

M - Tua súplica é inútil. Nossos filhos... Antes não houvessem nascido. Muitas vezes Deus nos surpreende na execução de sua vontade. O que esperávamos não acontecesse e aí . . . devemos estar atentos para novo caminho que se abre. *(sons de orquestra contemporânea com surpreendentes sons experimentais / Medeia levanta-se / Com ajuda da Ama toma dos filhos e Jasão escorrega no aguaceiro / isso leva um tempo em pausa lenta e tranqüila com mo desapareção do som orquestral / porém da calmaria a trilha sonora deve recriar a tensão e ao fundo vão clareando dois corpos de crianças enforcadas).*

*(Entra o Mensageiro que observa o lance)*

MENSAGEIRO – Senhor! Quando vestiu a roupa, Glauca ardeu em chamas e se atirou dos muros da cidade. O pai, na esperança de salvá-la, sofreu o mesmo destino. *(Mensageiro levanta a cabeça vendo os corpos na forca / surge um clarão amarelo ao fundo)* Medeia assassinou os filhos e ateou fogo à casa. (Jasão corre para junto das crianças / tenta tira-las com muito custo da forca / mas já é tarde / mensageiro vê um clarão cruzar o espaço) Medeia foge numa carruagem puxada por um dragão e do meio das chamas gritava palavrões e invocações.

VOZ OFF MEDEIA *(sussurro)*

Jasão... que tudo aconteceu por tua culpa... *(Jasão vem trazendo as crianças ao proscenio)* Agamêmnon matou a filha Ifigênia, e não é lembrado por esse ato infame; Clitemnestra não matou a filha Electra, quando tinha todos os motivos para fazê-lo. Mas eu, Medeia, serei lembrada como a mãe-assassina.

MS - A vida é incompreensível, a realidade é enigmática, e falta sentido em nossas ações diárias, mas o aqui, o poder do Estado, o poder dos reis, deve suprir a ausência de sentido da vida. A grande pergunta não é mais “o que será que vai acontecer?”, mas “o que é que está acontecendo?” Medeia encarna a angústia das mulheres maduras que ainda podem reproduzir.

J – Cuidado com o que fala.

MS – Jasão construiu sua vida sobre merda... um herói de merda, como tantos outros: políticos, empreendedores, líderes, desbravadores.

J - Então, ela tem consciência do que fez?

MS - Não é, enfim, tão bárbara como a acusa. Medeia, é mulher-bomba, é bárbara pois não entende a civilização.

J – Uma cadela...

M – Que sempre lhe abanou o rabo... mas corre como uma loba atrás de um Jasão sem fôlego...

VOZ OFF MEDEIA (*sussurro*)

Quando acordo, o absurdo é tão grande que eu desejo espancar tudo e qualquer coisa.

J - Por minha salvação você já recebeu como compensação mais do que deu, Medeia. Primeiro, a nossa terra, em vez do teu país bárbaro passou a ser tua morada.

M – (*desdenha*) Todos respeitam a minha ciência...

J - Você é famosa... se ainda morasse nos fins da terra quemalaria teu nome?

Casando com a filha do rei... agindo como agi, fui sensato, e hábil e, afinal, teu amigo e de nosso filhos (*chora / abraçado às crianças*)

M – cínico calhorda!

J – Eu banido... consegui me aproximar de Gláucia... podíamos criar todos os filhos... pô-los todos num mesmo nível de igualdade...

M – Quem é que precisa de mais filhos, aqui?

J - É de meu interesse ter mais filhos...

M - Agora, amigas minhas, poderei vencer todos os inimigos gloriosamente! Tenho esperanças, hoje que a marcha começa, de ver caírem, justamente castigados, meus adversários... O meu marido, que era tudo para mim tornou-se um homem péssimo. Sei muito bem para que serve a esperança trazida pelas crianças. Pra quê vivemos? Será que é somente para gerar filhos? Meus filhos... (pausa)... tantos espinhos a espetar minha alma. Tuas mãos frias não poderão tocar o sangue das crianças...

J - O sangue de nossos filhos.

M - Que crueldade, Jasão. Como pudeste ser tão ruim?

J - Miserável!

M - Tua malícia vai ter um fim. Vou lutar por mim. Ó deuses! Eu os invoco! Ó rainha das coisas mais sagradas !Proteja-me com o seu manto. Ó mãe das mães me dá forças. Para esta Medeia que te invoca neste momento. Perdoa...

NARRADOR EM OFF

Medeia depois casou-se com um rei com quem teve um filho. Mas o rei tinha um primeiro filho. Após conspirar contra a vida deste filho, tentando envenená-lo, para herdar a coroa para o filho mais novo, foi expulsa... voltou para sua terra natal e foi honrada como deusa.

MS – (*foco e resistência lenta*) Zeus, do alto do Olimpo, determina o rumo de muitos acontecimentos. Muitas vezes os deuses enganam nossas previsões na execução de seus desígnios. O que se esperava não acontece. E um deus deixa passar acontecimentos que nem pensamos possíveis.

